

# PSICOLOGIA EM FOCO:

entre Ciência e Experiência

M. Graça Pereira  
(Organizadora)



EDITORA  
ARTEMIS  
2025

# PSICOLOGIA EM FOCO:

entre Ciência e Experiência

M. Graça Pereira  
(Organizadora)



EDITORA  
ARTEMIS  
2025



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizadora</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> M. Graça Pereira
<b>Imagem da Capa</b>	rishad1977/123RF
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*

Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> M<sup>ª</sup>Graça Pereira, Universidade do Minho, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del País Vasco, Espanha  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 Psicologia em foco [livro eletrônico] : entre ciência e experiência / organização Maria da Graça Pereira. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2025.  
il. color.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81701-62-8

DOI 10.37572/EdArt\_150925628

1. Psicologia. 2. Saúde mental. 3. Inclusão social. 4. Desenvolvimento humano. 5. Psicologia aplicada. I. Pereira, Maria da Graça. II. Título.

CDD 150

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



## PRÓLOGO

A obra *Psicologia em Foco: entre Ciência e Experiência* reúne contribuições de diferentes pesquisadores de diferentes países e contextos socioculturais, unidos pelo objetivo de refletir criticamente sobre os múltiplos campos de atuação da psicologia. Ao articular teoria, prática e pesquisa, os capítulos que compõem este volume oferecem um panorama diverso e atual das tensões, desafios e possibilidades que marcam a experiência humana em seus mais variados âmbitos.

A diversidade temática e geográfica desta coletânea é uma de suas principais riquezas. Os textos transitam por questões ligadas ao trabalho, à saúde mental, à inclusão, à família, à sexualidade e ao desenvolvimento infantil, articulando perspectivas locais e globais, sempre ancoradas na realidade concreta das comunidades investigadas.

O livro está organizado em quatro eixos, que refletem as afinidades temáticas entre os trabalhos:

**Inclusão, Bem-estar e Saúde Mental** Nesta seção, o leitor encontrará reflexões que transitam entre distintos eixos de análise e intervenção. O debate inicia-se com a perspectiva de inclusão e direitos trabalhistas de pessoas com deficiência intelectual e/ou cognitiva e avança para a apresentação de modelos inovadores de aconselhamento psicológico voltados ao fortalecimento do bem-estar e da resiliência em estudantes universitários. Segue-se uma análise aprofundada dos riscos psicossociais e sua relação com a morbidade psicológica, estilo de vida e burnout no ensino superior ao nível dos docentes e pesquisadores. Posteriormente, é apresentada uma discussão qualitativa aprofundada sobre a experiência do envelhecimento entre acadêmicos. Por fim, os avanços da farmacogenômica em psiquiatria infantojuvenil abrem horizontes promissores de personalização terapêutica e inovação tecnológica.

**Família, Gênero e Sexualidade** Este eixo trata das experiências de mulheres durante a pandemia de COVID-19, evidenciando sobrecarga, saúde mental e violência doméstica, e também explora a iniciação sexual de adolescentes e jovens, problematizando os fatores sociais e culturais envolvidos nos comportamentos sexuais e eróticos.

**Psicologia, Trabalho e Subjetividade** Os capítulos desta parte abordam, sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e da psicologia organizacional, as vivências de prazer e sofrimento em profissões como a arbitragem esportiva e o jornalismo, além de discutir a gestão da diversidade em contextos organizacionais no Equador. Estes estudos permitem compreender como reconhecimento, desvalorização e estratégias de defesa influenciam a saúde psíquica e a identidade profissional.

**Educação, Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil** Por fim, esta seção reúne investigações que focalizam o processo de aprendizagem em seus primeiros estágios:

dificuldades na compreensão do conceito de número, o desenvolvimento das noções cardinais em crianças pequenas e a percepção de adolescentes sobre a educação sexual integral. Os capítulos apontam para a importância de metodologias contextualizadas e de políticas educacionais sensíveis às necessidades de cada etapa do desenvolvimento.

Ao longo de 13 capítulos, este livro revela que a psicologia, para além de suas fronteiras disciplinares, é chamada a dialogar com realidades concretas, demandas sociais e transformações tecnológicas. A combinação entre ciência e experiência, presente em cada contribuição, reforça a relevância de pesquisas que não apenas descrevem fenômenos, mas também iluminam caminhos de intervenção e mudança.

Esperamos que esta obra inspire novos debates, pesquisas e práticas, fortalecendo o compromisso da psicologia com a ética e a dignidade humana, a diversidade e a construção de sociedades mais justas e inclusivas.

Desejo a todos uma frutífera leitura!

M. Graça Pereira

Universidade do Minho, Portugal

## SUMÁRIO

### INCLUSÃO, BEM-ESTAR E SAÚDE MENTAL

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

LAS PERSONAS CON DISCAPACIDAD INTELECTUAL Y/O COGNITIVA: INCLUSIÓN Y DERECHO LABORAL

Fátima Elizabeth Villalba

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256281](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256281)

#### **CAPÍTULO 2..... 10**

COUNSELLING AND PSYCHOLOGICAL SERVICES AS A MODEL FOR ENHANCING AND IMPROVING UNIVERSITY STUDENTS' WELL-BEING AND RESILIENCE

Fatime Ziberi

Zlatinka Kostadinova Georgieva

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256282](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256282)

#### **CAPÍTULO 3.....25**

RISCOS PSICOSSOCIAIS, MORBILIDADE PSICOLÓGICA, ESTILO DE VIDA E BURNOUT NO ENSINO SUPERIOR

Daniele Carvalho

M. Graça Pereira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256283](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256283)

#### **CAPÍTULO 4..... 45**

EXPERIENCIAS DE ACADÉMICOS SOBRE EL PROCESO DE ENVEJECIMIENTO

Felipe Roboam Vázquez Palacios

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256284](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256284)

#### **CAPÍTULO 5.....55**

FARMACOGENÓMICA EN PSIQUIATRÍA INFANTOJUVENIL: DE LA PREDICCIÓN A LA PREVENCIÓN Y EL TRATAMIENTO PERSONALIZADO

María Suárez Gómez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256285](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256285)

## FAMILIA, GÉNERO E SEXUALIDADE

### **CAPÍTULO 6..... 58**

MATERNIDAD CONFINADA: TRABAJO, SALUD Y VIOLENCIA DOMÉSTICA DURANTE LA PANDEMIA EN MÉXICO

Rocío Fuentes Valdivieso

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256286](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256286)

### **CAPÍTULO 7..... 69**

MI PRIMERA VEZ: EDADE DE INICIO DE COMPORTAMIENTOS SEXO/ERÓTICOS

Sinuhé Estrada Carmona

Gabriela Isabel Pérez Aranda

Liliana García Reyes

Miguel Ángel Tuz Sierra

Eric Alejandro Catzin López

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256287](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256287)

## PSICOLOGIA, TRABALHO E SUBJETIVIDADE

### **CAPÍTULO 8..... 80**

ARTICULACIÓN DE LA GESTIÓN DE LA DIVERSIDAD Y LA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL: CASO DE ECUADOR PAÍS MULTIETNICO Y PLURICULTURAL

Bryan Mauricio Pacheco Añasco

Karina Silva-Jaramillo

Katia Naranjo

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256288](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256288)

### **CAPÍTULO 9..... 98**

ENTRE EL PLACER Y EL MALESTAR: VIVENCIAS LABORALES DE ÁRBITROS EN UNA CORPORACIÓN SOCIAL Y FORMATIVA DE MEDELLÍN

Anderson Gañán Moreno

Santiago Alejandro Ochoa Duque

Johnatan Julián Correa Pérez

Jonathan Betancur Espinosa

Geraldine Betancur Espinosa

Angela María Urrea Cuellar

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1509256289](https://doi.org/10.37572/EdArt_1509256289)

**CAPÍTULO 10..... 120**  
VIVENCIAS DE PLACER Y SUFRIMIENTO EN EL TRABAJO DE UN GRUPO DE PERIODISTAS DE LA CIUDAD DE MEDELLÍN

Anderson Gañán Moreno

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15092562810](https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562810)

**EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

**CAPÍTULO 11..... 151**  
DIFICULTADES EN EL APRENDIZAJE DEL CONCEPTO DE NÚMERO EN ESTUDIANTES DE PRIMER GRADO DE PRIMARIA EN EL DISTRITO DE EL TAMBO, HUANCAYO

Edith Toña Vila Herrera

Marco Antonio Bazalar Hoces

Genaro Moreno Espíritu

Walter Mayhua Matamoros

Ronald Condori Crisóstomo

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15092562811](https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562811)

**CAPÍTULO 12 .....165**  
THE DEVELOPMENT AND ASSESSMENT OF EARLY CARDINAL-NUMBER CONCEPTS

Arthur J. Baroody

Kelly S. Mix

Gamze Kartal

Meng-lung Lai

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15092562812](https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562812)

**CAPÍTULO 13..... 186**  
LA PERCEPCION DE ADOLESCENTES SOBRE LA ENSEÑANZA RECIBIDA EN EDUCACION SEXUAL INTEGRAL

Fabio Gabriel Salas

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15092562813](https://doi.org/10.37572/EdArt_15092562813)

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 196**

**ÍNDICE REMISSIVO .....197**

# CAPÍTULO 7

## MI PRIMERA VEZ: EDADE DE INICIO DE COMPORTAMIENTOS SEXO/ERÓTICOS<sup>1</sup>

Data de submissão: 15/08/2025

Data de aceite: 28/08/2025

**Sinuhé Estrada Carmona**

Universidad Autónoma de Campeche  
Campeche-México

<https://orcid.org/0000-0002-9605-8148>

**Gabriela Isabel Pérez Aranda**

Universidad Autónoma de Campeche  
Campeche-México

<https://orcid.org/0000-0002-9918-3921>

**Liliana García Reyes**

Universidad Autónoma de Campeche  
Campeche-México

<https://orcid.org/0000-0001-5404-3100>

**Miguel Ángel Tuz Sierra**

Universidad Autónoma de Campeche  
Campeche-México

<https://orcid.org/0000-0003-1584-7725>

**Eric Alejandro Catzin López**

Universidad Autónoma de Campeche  
Campeche-México

<https://orcid.org/0000-0003-2745-2894>

<sup>1</sup> Agradecemos a los miembros del cuerpo académico "Desarrollo Humano" y a los colaboradores del Laboratorio de Atención Psicológica e Investigación Clínica por sus contribuciones metodológicas y técnicas en la realización de este trabajo. También agradecemos a la Dirección de la Facultad de Humanidades de la Universidad Autónoma de Campeche por su apoyo logístico y administrativo, así como a las personas que amablemente contribuyeron a participar en el estudio. Los autores manifiestan no tener ningún conflicto de interés.

**RESUMEN:** El propósito de la presente investigación es analizar las edades de las primeras conductas eróticas de una muestra de personas que radican en la ciudad de Campeche, México. Se trató de una investigación ex post-facto con un alcance correlacional y un enfoque cuantitativo. La muestra fue no probabilística de 212 personas a quienes se aplicó un cuestionario ad hoc. Los resultados muestran que las correlaciones estadísticamente significativas se encontraron entre la edad en la que se dio sexo oral a otra persona por primera vez y la edad en que se experimentó ser masturbado por otra persona. No se encontraron correlaciones significativas entre el número de parejas sexuales y el tiempo de relación con la pareja actual, ni entre el número de parejas sexuales y las edades de inicio de las conductas erótico-sexuales. El coito se asocia al inicio de otras conductas sexuales sin fines reproductivos.

**PALABRAS CLAVE:** debut sexual; edad de inicio sexual; conductas eróticas; adolescencia.

**MY FIRST TIME: AGE OF ONSET OF SEXUAL/EROTIC BEHAVIORS**

**ABSTRACT:** The purpose of the present investigation was to analyze the ages of the first erotic behaviors of a sample of people who live in the city of Campeche, Mexico. It was an ex post facto research with a correlational scope and a quantitative approach. The sample was nonprobabilistic of 212 people to whom an ad

hoc questionnaire was applied. The results show that statistically significant correlations were found between the age in which oral sex was given to another person for the first time and the age in which it was experienced to be masturbated by another person. No significant correlations were found between the number of sexual partners and the time of relationship with the current partner, nor between the number of sexual partners and the ages of initiation of erotic-sexual behaviors. Sexual intercourse is associated with the initiation of other non-reproductive sexual behaviors.

**KEYWORDS:** sexual debut; age of sexual initiation; erotic behaviors; adolescence.

## 1. INTRODUCCIÓN

La sexualidad constituye un área fundamental dentro del desarrollo del ser humano y precisa de investigación por las implicaciones que la conducta sexual tiene sobre la salud (Inmaculada & Bermúdez, 2011). Estas implicaciones han sido reconocidas al punto de desarrollar una definición de salud sexual, entendida como un estado de bienestar físico, mental y social en relación con la sexualidad, la cual requiere un enfoque positivo y respetuoso de la sexualidad y de las relaciones sexuales, así como la posibilidad de tener experiencias sexuales placenteras y seguras, libres de toda coacción, discriminación y violencia (OMS, 2020). Por su parte, Hirmas, González, Aranda y González (2008) expresan la importancia de la sexualidad mencionando que los cambios observados en el desarrollo de la sexualidad se relacionan con modificaciones en otras áreas de la vida social y personal, dinámica inmersa –a su vez– en los procesos de modernización de las sociedades actuales.

El concepto de sexualidad se amplió a lo largo del tiempo para incluir en su definición la búsqueda de fines placenteros y no exclusivamente reproductivos, se le comenzó a considerar como un componente más del desarrollo integral de la persona y, hoy en día, continúa desarrollándose. Lo anterior implicó nuevas pautas de comportamiento y diversas maneras de acceder a la exploración del cuerpo (Gómez & Salinas, 2010). En la actualidad, se han integrado diversas conductas sexuales en la práctica del hombre y la mujer promedio cuya finalidad no es la reproducción, sino la búsqueda de placer y que no generan conflictos de adaptabilidad en las personas (Cajiao, 2007, citado en Gómez y Salinas, 2010).

De esta manera, la sociedad delimita el contexto que, a su vez, regula la sexualidad; es decir, permite o limita ciertos comportamientos con el fin de facilitar la vida en grupo. Este rechazo o aceptación se ha ido transformando a través del tiempo, por lo que por medio de la visibilidad y aceptación de ciertos comportamientos sexuales se podrá comprender el contexto actual de la sexualidad (Gómez & Salinas, 2010).

Por otro lado, los estereotipos sexuales son creencias generalmente aceptadas y poco cuestionadas que podrían contribuir a cómo los hombres y las mujeres debemos expresar nuestra sexualidad (Pérez & Prengo, 2012). Hirmas, González, Aranda y González (2008) refieren que quizá la influencia social más profunda sobre la sexualidad de las personas provenga de los roles de género preestablecidos, las normas y valores sociales que determinan el poder, las responsabilidades y las conductas de mujeres y hombres.

Existen estereotipos sexuales en torno a la edad de inicio y frecuencia de diversas conductas sexuales que van más allá de la reproductividad. Lo anterior ha generado mayor estigma considerando que en Occidente, durante buena parte del siglo XX, prevaleció un sistema hegemónico patriarcal que perpetúa el valor único del coito con fines reproductivos. Al mismo tiempo, el placer es considerado un privilegio donde convergen discursos sobre los cuerpos, la belleza, la moral, los derechos humanos, las políticas públicas, entre otros. Esto favorece la investigación del cruce de aquéllos y las tensiones entre las normas sociales, las prácticas individuales, las emociones y sensaciones en la vida cotidiana (Cerón, 2016). Por lo cual, es importante conocer qué conductas sexuales se practican y el contexto general de ellas, edad de inicio y cómo se relacionan con el placer erótico para promover la salud sexual.

Por otra parte, la edad de inicio sexual representa una transición a nuevas necesidades en salud. Toda vez que el inicio de la vida sexual también supone una exposición a riesgos de embarazo e infecciones de transmisión sexual, por lo que monitorear la edad del comienzo de prácticas eróticas resulta necesario para establecer modificaciones en servicios de salud sexual y reproductiva (Gayet & Gutiérrez, 2014).

Según lo expuesto por Apaza-Guzmán y Vega-González (2018), los datos acerca del inicio de la actividad sexual a nivel mundial estiman que la edad promedio en los países desarrollados es de 9-13 años en los varones y de 11-14 años en las mujeres. Para Holguín, Mendoza, Esquivel, Sánchez, Daraviña y Acuña (2013) las repercusiones que tiene el inicio temprano de actividad sexual han generado gran interés de varias disciplinas (particularmente las ciencias sociales y de la salud) por establecer los factores que determinan la edad de la primera relación sexual, centrándose en identificar factores del contexto social y familiar que se asocian con el comportamiento sexual de los adolescentes (sexo, nivel socio-económico, grupo étnico, estructura familiar, entre otros), mientras otros han evaluado factores psicológicos e individuales, de los cuales se sabe poco.

Son muchos los factores que pueden influir en el inicio temprano o tardío de la actividad sexual. Estudios internacionales muestran que los factores que se asocian mejor

a un retardo en el inicio de la actividad sexual en los adolescentes son la religiosidad y el buen desempeño académico, mientras que el consumo de alcohol y/o drogas, la influencia de los pares y el antecedente de parejas mayores constituyen factores que favorecen su precocidad (González, Molina, Montero, & Martínez, 2013).

En otro estudio realizado en El Salvador se encontró que los siguientes factores se asociaron con una mayor probabilidad de haber tenido relaciones sexuales: percibir que los hermanos (OR = 1,8, IC 95%: 1,2– 2,7) o los amigos (OR = 1,7, IC 95%: 1,3–2,2) apoyan que se tengan relaciones sexuales. Como factores protectores se encontraron la supervisión de los padres (OR = 0,5, IC 95%: 0,4–0,7); recibir mensajes que apoyan la abstinencia por parte de amigos (OR = 0,7, IC 95%: 0,6–1,0) o hermanos (OR = 0,7, IC 95%: 0,5–0,8) y recibir mensajes favorables al matrimonio por parte de los padres (OR = 0,4, IC 95%: 0,3–0,6), por lo que se concluyó que los mensajes proporcionados por familiares y amigos son factores que parecen influir en el inicio de la actividad sexual de los jóvenes, por lo que deben tenerse en cuenta en los programas de promoción de la salud sexual (RuizCanela, López, Calatrava, & Irala, 2012).

En consideración de la revisión de la literatura, el presente estudio tuvo como objetivo analizar las edades de las primeras conductas eróticas de una muestra de personas que radican en la ciudad de Campeche, México. Los objetivos específicos fueron: comparar las edades de inicio de las primeras conductas eróticas entre hombres y mujeres, así como relacionar las edades de inicio de las diferentes conductas eróticas.

## 2. METODOLOGÍA

### 2.1. PARTICIPANTES

La Ciudad de Campeche está ubicada al sureste de México. El Estado del mismo nombre es uno de los más pequeños en población con cerca de un millón de habitantes en todo el Estado. La ciudad de Campeche tiene una población aproximada de 300 mil habitantes, lo que la convierte en una ciudad pequeña y provincial.

Se llevó a cabo un muestreo no probabilístico por conveniencia, obteniendo una muestra de 212 participantes con edades entre los 18 y 45 años con una media de edad de 25.11 años. Todos los participantes firmaron un consentimiento informado previo a la recolección de los datos.

### 2.2. INSTRUMENTO

Se elaboró un cuestionario inicial ad hoc de 15 reactivos en donde se preguntó acerca de la edad en la que se experimentaron por primera vez algunas conductas

eróticas/sexuales, así como otros datos generales tales como el número de parejas sexuales y parejas formales (significativas) de quienes participaron. Los reactivos fueron validados a través de un jueceo por pares. Los resultados de jueceo permitieron modificar la redacción y las palabras de algunos reactivos, los cuales fueron revisados y avalados en su versión final por el Comité de ética e investigación de la Facultad de Humanidades de la Universidad Autónoma de Campeche. El cuestionario final quedó conformado por 9 reactivos.

### 2.3. PROCEDIMIENTO

Las personas que participaron en el estudio fueron contactadas por el método de bola de nieve. Previo a la aplicación del instrumento, se entregó una carta de consentimiento informado en donde se explicaron los objetivos del estudio. Sólo se incluyeron en la muestra a quienes firmaron dicha carta. Posterior a la recolección de los datos, estos fueron procesados mediante el paquete estadístico para las ciencias sociales SPSS en su versión 23 y examinados mediante un análisis de medias, una prueba “t” de student para muestras independientes para identificar diferencias significativas entre hombres y mujeres, así como un análisis correlacional.

### 2.4. PLAN DE ANÁLISIS

Se utilizó un diseño ex post-facto, no experimental y transversal. Los datos se recolectaron en un único tiempo; el enfoque fue cuantitativo y se tuvo un alcance descriptivo correlacional.

### 2.5. CONSIDERACIONES ÉTICAS

Todos los sujetos dieron su consentimiento informado para su inclusión antes de participar en el estudio. El estudio se realizó de acuerdo con la Declaración de Helsinki, y el protocolo fue aprobado por el Comité de ética e investigación de la Facultad de Humanidades y del Departamento de Posgrado e Investigación de la Universidad Autónoma de Campeche. Todos los procedimientos seguidos estuvieron de acuerdo con los estándares éticos del comité responsable de experimentación humana de la Universidad Autónoma de Campeche, México; el código nacional de ética para la investigación psicológica, la ley de salud nacional y local y la Declaración de Helsinki de 1975, revisada en 2000.

### 3. RESULTADOS

Al analizar los datos recabados en torno a la edad de inicio de las primeras experiencias erótico-sexuales, se observa que las conductas que obtuvieron la edad mínima de experimentación fueron las relacionadas a la masturbación, así como el beso de lengua, mientras que las conductas que fueron experimentadas a una mayor edad fueron las relacionadas al sexo oral.

Tabla 1. Estadísticos descriptivos sobre primeras conductas erótico-sexuales

<b>Variables</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Media</b>
Número de personas con las que ha tenido relaciones sexuales/eróticas en su vida	0	5	1.61
Edad en la que experimentó por primera vez un beso de lengua	8	20	14.52
Edad en la que experimentó por primera vez el coito (penetración)	12	25	16.65
Edad en la que experimentó por primera vez la masturbación	5	25	14.66
Edad en la que experimentó por primera vez masturbar a otra persona	5	25	17.16
Edad en la que experimentó por primera vez que otra persona le masturbe	12	25	16.84
Edad en la que experimentó por primera vez que otra persona le haga sexo oral	13	25	17.30
Edad en la que experimentó por primera vez hacerle sexo oral a alguien	13	25	17.62
Número de parejas formales (significativas) que ha tenido en su vida	0	9	2.20

La conducta erótico-sexual que en promedio se experimentó a una edad más temprana fue el beso de lengua, mientras que la conducta que en promedio se experimentó a una mayor edad fue hacerle sexo oral a alguien. De manera general, la media de edad en la que se experimenta una conducta erótico-sexual es de 16.54 años. Respecto al número de parejas erótico-sexuales la media fue de 1.61 mientras que los valores mínimos y máximos fueron cero y cinco respectivamente, existe una media mayor de número de parejas significativas (2.20) en comparación con el número de parejas erótico-sexuales.

Tabla 2. Comparación de medias de los primeros comportamientos sexo/eróticos por género.

	<b>Género</b>	<b>Media</b>	<b>t</b>	<b>Sig. (bilateral)</b>
Número de personas con las que ha tenido relaciones sexuales/ eróticas en su vida	Hombre	1.85	4.030	.000*
	Mujer	1.38		
Edad en la que experimentó por primera vez un beso de lengua	Hombre	14.44	-.512	.609
	Mujer	14.59		
Edad en la que experimentó por primera vez el coito (penetración)	Hombre	16.42	-1.357	.176
	Mujer	16.88		
Edad en la que experimentó por primera vez la masturbación	Hombre	13.43	-6.672	.000*
	Mujer	15.98		
Edad en la que experimentó por primera vez masturbar a otra persona	Hombre	16.89	-1.560	.120
	Mujer	17.44		
Edad en la que experimentó por primera vez que otra persona le masturbe	Hombre	16.55	-2.002	.047*
	Mujer	17.14		
Edad en la que experimentó por primera vez que otra persona le haga sexo oral	Hombre	17.12	-1.307	.193
	Mujer	17.50		
Edad en la que experimentó por primera vez hacerle sexo oral a alguien	Hombre	17.28	-2.411	.017*
	Mujer	17.96		
Número de parejas formales (significativas) que ha tenido en su vida	Hombre	2.20	.000	1.000
	Mujer	2.20		

Tras analizar las medias de edad de hombres y mujeres respecto a la edad de sus primeras experiencias erótico-sexuales, con la prueba “t” para muestras independientes, se encontraron diferencias significativas en el número de personas con las que se ha tenido relaciones erótico-sexuales, en la edad en que se experimentó por primera vez la masturbación, que otra persona le masturbe y en hacerle sexo oral a alguien.

Respecto del número de personas con las que se ha mantenido relaciones sexuales, fueron los hombres quienes obtuvieron la media más alta (1.85); por otra parte, en cuanto a la masturbación, que otra persona le masturbe y hacerle sexo oral a alguien, fueron las mujeres quienes experimentaron dichas conductas a una mayor edad en comparación con los hombres. No se encontraron diferencias significativas en otros factores evaluados. De manera general, los hombres experimentaron a edades más tempranas las diferentes conductas erótico-sexuales en comparación con las mujeres.

En cuanto a las relaciones estadísticamente significativas encontradas al realizar el análisis de correlación, se observa que la edad del participante solo correlaciona negativamente con la edad del primer coito y positivamente con el número de parejas significativas. También se observa que a mayor número de parejas sexuales menor

edad de inicio del coito, menor edad en que otra persona le practica la masturbación y mayor número de parejas formales. Así mismo, a mayor edad del primer beso de lengua, del primer coito y de la primera masturbación mayor edad para las demás conductas sexuales a excepción del número de parejas significativas; al mismo tiempo se encuentran fuertes correlaciones entre la edad de experimentación de conductas asociadas a la masturbación y la edad de inicio de conductas asociadas a la práctica del sexo oral.

#### 4. DISCUSIÓN

Los resultados muestran que el promedio de edad para el inicio de relaciones sexuales coitales es de 16.65 años, esto coincide con lo expuesto por Rivera-Rivera et al. (2016) quienes realizaron una investigación con 9893 estudiantes de entre 14-19 años encontrando que la edad promedio de inicio de la vida sexual coital es de 16 años. Dichos autores agregan que son los hombres quienes mantienen relaciones sexuales coitales a más temprana edad, lo que también respalda los datos obtenidos en el presente estudio pues se encontró que la media de edad en la que se experimentó por primera vez las relaciones sexuales con penetración fue de 16.42 en el caso de los hombres y de 16.88 años en el caso de las mujeres; sin embargo, esta diferencia no fue estadísticamente significativa. De la misma manera, González-Garza y Hernández-Serrato (2005) tampoco encontraron diferencias significativas en la edad de inicio de relaciones sexuales coitales entre hombres y mujeres.

Así mismo, los resultados muestran una relación entre la edad de experimentación del coito y la edad actual de los participantes, lo que concuerda con los resultados de Rodríguez y Traverso (2012) quienes también encontraron una relación positiva entre estas dos variables; aunado a ello, estos autores también reportan una correlación negativa entre la edad del primer coito y el número de parejas sexuales que se han tenido, datos que igualmente coinciden con lo encontrado en esta investigación.

En la presente investigación se encontraron relaciones significativas entre la edad de inicio de la masturbación y sexo oral con las relaciones sexuales coitales, contrario a lo identificado por García, Méndez, Fernández y Cuesta (2012): aunque en su muestra de adolescentes estudiados un 84,8% declaró haber iniciado alguna conducta sexual, como besos íntimos, y un 65% realizar prácticas masturbatorias, poco menos de un tercio se había iniciado en las prácticas sexuales coitales vaginales.

Por su parte, Rodríguez y Traverso (2012) encontraron diferencias significativas en la edad en la que los hombres y mujeres experimentaron por primera vez las conductas de: beso, masturbarse, masturbar a la pareja y práctica del sexo oral; en la

presente investigación, solo se encontraron diferencias significativas en las conductas de masturbarse, que otra persona le masturbe y que le hagan sexo oral.

Estos resultados también coinciden con Escalante, Cerrón, Salazar, & Mendonez (2008), quienes describen que, en general, la edad de inicio del coito vaginal no muestra diferencias relacionadas al género; en esta investigación, al igual que en el presente estudio, sí se encontraron diferencias significativas respecto al inicio de masturbación y el género. El informe Durex (2006) señala la tendencia a iniciarse a edades cada vez más tempranas, y con escasa diferencia entre sexos.

Contrario a los resultados de las investigaciones de Gutiérrez-Martínez, Bermúdez, Teva & Buela-Casal; Spitalnick et al; Teva, Bermúdez & Buela Casal (citados en Teva & Bermúdez, 2011), no encontramos relación entre el número de parejas sexuales y conductas sexuales eróticas, esto probablemente debido a diferencias culturales en los participantes de las investigaciones.

Se concluye que, respecto al género, aunque no existen diferencias significativas entre el número de parejas formales, sí las hay en cuanto al número de parejas sexuales, siendo los hombres quienes tienen un mayor promedio. Referente a las conductas erótico-sexuales, en general no hay diferencias significativas en la mayoría de estas, siendo las excepciones masturbarse, que otra persona le masturbe y hacerle sexo oral a alguien; en estas conductas y en todas las demás, son los hombres quienes las inician a edades más tempranas. Por otra parte, existen correlaciones significativas entre las distintas conductas erótico-sexuales, todas positivas, lo que sugiere que iniciar a temprana edad cualquiera de estas conductas, aumenta las posibilidades de experimentar a temprana edad otras conductas sexuales.

Así mismo, el número de parejas formales y sexuales no se relaciona con la edad de inicio de conductas sexuales.

Los resultados obtenidos se suman a la importancia de la Educación Sexual Integral como medio para promover la salud sexual. Conocer la edad de inicio de algunas de las primeras conductas eróticas/sexuales permite identificar sectores de población en los que es importante intervenir para promover una sexualidad responsable y placentera. En este sentido, propuestas y políticas públicas como la inclusión de la Educación Sexual Integral desde niveles básicos en ámbitos educativos resultan relevantes. Al mismo tiempo, los hallazgos contribuyen a reconocer la necesidad de incluir en las políticas de prevención psico-educativa no solo a los adolescentes, sino a los padres y madres de familia quienes forman parte integral del proceso formativo en salud. Haciendo especial énfasis en una mirada que promueva la educación y el derecho al placer responsable y saludable.

En cuanto a las limitaciones y recomendaciones es posible mencionar que el estudio está limitado a una muestra del sureste mexicano que no representa la población mexicana. Se requiere ampliar el número de participantes e incluir entrevistas para acceder a datos cualitativos que permitan contrastar y complementar los datos cuantitativos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apaza-Guzmán, L. y Vega-González, E. (2018). Factores personales y sociales relacionados con el inicio de la actividad sexual en estudiantes de una institución educativa (Lima, Perú). *Matronas Profesión*, 59-63.

Campos-Arias, A., Silva, D., Meneses, M., Castillo, S. y Navarrete, P. (2004). Factores asociados con el inicio temprano de relaciones sexuales en estudiantes adolescentes de un colegio de Bucaramanga, Colombia. *Revista Colombiana de Psiquiatría*, XXXIII(4), 367-377.

Castillo, I., Balaguer, I. y Duda, J. (2002). Las perspectivas de meta de los adolescentes en el contexto deportivo. *Psicothema*, 14(2) 280-287.

Cerón, C. (2016). La configuración y significados del placer sexual y erótico en mujeres universitarias de la Ciudad de México. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (22), 73-102. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.22.04.a>

Durex (2006). *Informe durex sobre bienestar sexual*. Recuperado el 8 de noviembre de 2011 de <http://www.durex.com/eses/flashrepository/documents/>

Escalante, L., Cerrón, C., Salazar, A. y Mendonez, E. (2008). Descripción de la Conducta Sexual en Adultos Jóvenes Limeños. *Horizonte Médico*, 8(1), 73-80.

García, E., Méndez, E., Fernández, P. y Cuesta M. (2012). Sexualidad, Anticoncepción y Conducta Sexual de Riesgo en Adolescentes. *International Journal of Psychological Research*, 5(1), 79-87.

Gayet, C. y Gutiérrez, J. (2014). Calendario de inicio sexual en México. Comparación entre encuestas nacionales y tendencias en el tiempo. *Salud Pública de México*, 56(6), 638-648. <https://doi.org/10.21149/spm.v56i6.7391>

Gómez, C. y Salinas, Q. (2010). Conductas sexuales alternas y permisividad en jóvenes universitarios. *Enseñanza e investigación en psicología*, 15(2), 285-309.

González A, E., Molina G, T., Montero V, A. y Martínez, V. (2013). Factores asociados al inicio sexual en adolescentes de ambos sexos de nivel socioeconómico medio-bajo de la Región Metropolitana. *Revista Chilena de Obstetricia y Ginecología*, 78(1), 4-13. <https://doi.org/10.4067/s0717-75262013000100002>

González-Garza, C. y Hernández-Serrato, M. (2005). Perfil del comportamiento sexual en adolescentes mexicanos de 12 a 19 años de edad. Resultados de la ENSA 2000. *Salud Pública Mexicana*, 209-218. <https://doi.org/10.1590/s0036-36342005000300004>

González-Garza, C., Rojas-Martínez, R., Hernández-Serrato, M. y Olaiz-Fernández, G. (2005). Perfil del comportamiento sexual en adolescentes mexicanos de 12 a 19 años de edad: resultados de la ENSA 2000. *Salud Pública de México*, 47(3), 209-218. <https://doi.org/10.1590/s0036-36342005000300004>

Hirmas, M., González, J., Aranda, W. y González, E. (2008). Motivo de inicio de actividad sexual en adolescentes desde una perspectiva de género: Cembra 2005 - 2006. *Revista Chilena de Salud Pública*, 12(1), 5-11. <https://doi.org/10.5354/0717-3652.2008.1809>

Inmaculada, T. y Bermudez, M. (2011). Búsqueda de sensaciones sexuales y conducta sexual no coital en adolescentes. *Revista Mexicana de Psicología*, 28(2), 121-132.

OMS. (2020). *Salud Sexual*. [https://www.who.int/topics/sexual\\_health/es/](https://www.who.int/topics/sexual_health/es/)

Pérez, D. y Prengo, R. (2012). Estereotipos Sexuales y su Relación con Conductas sexuales Riesgosas. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 23(2), 48-61.

Rivera-Rivera, L., Leyva-López, A., García-Guerra, A., de Castro, F., González-Hernández, D. y de los Santos, L. (2016). Inicio de relaciones sexuales con penetración y factores asociados en chicos y chicas de México de 14-19 años de edad con escolarización en centros públicos. *Gaceta Sanitaria*, 30(1), 24-30. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2015.08.011>

Rodríguez Carrión, J. y Traverso Blanco, C. (2012). Conductas sexuales en adolescentes de 12 a 17 años de Andalucía. *Gaceta Sanitaria*, 26(6), 519-524. <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2012.02.005>

Ruiz-Canela, M., López, C., Calatrava, M. O. y Irala, J. (2012). Familia, amigos y otras fuentes de información asociadas al inicio de las relaciones sexuales en adolescentes de El Salvador. *Revista Panamericana Salud Pública*, 31(1), 54-61.

Secretaría de Salud. (2009). *Encuesta Nacional de Adicciones 2008. Reporte de resultados nacionales*. México.

Teva, I. y Bermúdez, M. (2011). Búsqueda de sensaciones sexuales y conducta sexual no coital en adolescentes. *Revista Mexicana de Psicología*, 28(2), 121-132.

Valiente, R., Bonifacio, S. y Chorot, P. (2002). Miedos comunes en niños y adolescentes: relación con la sensibilidad a la ansiedad, el rasgo de ansiedad, la afectividad negativa y la depresión. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 7(1), 61-70.

Vélasquez-Mártinez, M. y Ortiz, J. (2014). Abuso de Drogas: Generalidades Neurobiológicas y Terapéuticas. *Actualidades en Psicología*, 28(117).

## SOBRE A ORGANIZADORA

### **M. Graça Pereira**

Professora Associada com Agregação da Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Portugal. Especialista em Psicologia Clínica e da Saúde e em Psicoterapia (especialidade avançada) pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP).

Responsável pela Consulta de Psicologia da Saúde que engloba a consulta de psicoterapia em saúde e doença e a consulta de intervenção psicológica na cessação tabágica, na Associação de Psicologia (APsi), na Universidade do Minho. Coordenadora do Laboratório de Investigação em Saúde, Bem-Estar e Rendimento e do Grupo de Investigação em Saúde & Família (GISEF) do Centro de Investigação em Psicologia (CIPsi) da Universidade do Minho.

Psicóloga e docente universitária com trajetória consolidada em Psicologia da Saúde, Psicoterapia e Psicologia da Família, integrando investigação aplicada, prática clínica e formação avançada. Coordena equipas e projetos financiados nacional e internacionalmente, com produção científica contínua sobre qualidade de vida, doença crónica, funcionamento familiar, bem-estar e intervenções psicológicas (relaxamento/hipnose, literacia em saúde, adesão terapêutica).

Linhas de Investigação: Psicologia da Saúde; Família e doença; Intervenções psicológicas em condições crónicas (diabetes/úlceras diabéticas, incontinência pós-prostatectomia, oncologia, demência, hemodiálise); Bem-estar, burnout e resiliência em contextos educativos e clínicos; Literacia em saúde e IA; Qualidade de vida e ajustamento conjugal/familiar; Avaliação e validação de instrumentos.

<https://orcid.org/0000-0001-7987-2562>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adolescência 61, 69, 186, 187, 188, 194, 195

Adolescência final 186, 188, 195

Aprendizaje 46, 125, 138, 142, 145, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 193

Árbitros 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119

Assessment 41, 165, 173, 182

Autismo 1, 2, 8, 9

### B

Burnout 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 123

### C

CAPS 10, 11, 12, 13, 15, 16, 20, 21, 22

Cardinality development 165, 166, 169, 170

Ciencia 45, 82, 83, 125, 164

Cognición 151

Concepto de número 151, 152, 154, 155, 156, 158, 160, 161, 163, 164

Conductas eróticas 69, 72, 77

Confinamiento 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

### D

Debut sexual 69

Derecho 1, 2, 3, 6, 9, 65, 67, 77, 92, 93, 94, 103, 119, 150, 186, 189, 191

Derechos 1, 2, 4, 9, 71, 83, 92, 93, 189

Dificultades 6, 47, 99, 118, 121, 126, 127, 141, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 190

Docentes universitários 25, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 150

### E

Early childhood 165, 182, 184

Edad de inicio sexual 69, 71

Educación primaria 151, 162, 163, 164

Eficacia 26, 37, 55, 56, 85, 88, 89, 90, 194

Enseñanza universitaria 45

Ensino superior 25, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 43

Estrategias de defensa 98, 100, 101, 104, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 125, 128, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 149

## F

Farmacogenómica 55, 56, 57

## G

Gestión de la Diversidad 80, 81, 85, 88, 89, 90, 91, 96

Give-n 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

## H

How many 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179

## I

Intelectual 1, 2, 9, 45, 150

## L

Ley de educación sexualidad integral 186

## M

Malestar 49, 62, 65, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 124, 127, 149, 150

Matemática 151, 152, 153, 154, 155, 161, 162, 163, 164

Maternidad 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

Mujeres trabajadoras 58

## P

Pandemia 32, 40, 42, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 67

Percepción de enseñanza recibida 186

Periodistas 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150

Pesquisadores 25, 27, 29, 30, 31, 36, 38, 41, 42

Placer 70, 71, 77, 78, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141,

143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Políticas Públicas y Normativas legales 81, 91

Prevenção 55, 57, 77, 141

Psicodinâmica del trabajo 98, 105, 120, 123, 124, 138, 148

Psicología Organizacional 80, 81, 82, 85, 86, 96

Psiquiatria infantojuvenil 55, 57

Psychosocial development 10, 22, 23

## R

Relación 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 47, 69, 70, 71, 76, 77, 79, 81, 82, 93, 94, 98, 99, 100, 106, 108, 109, 113, 116, 117, 118, 123, 124, 127, 133, 144, 146, 154, 160, 188, 189, 191

Resilience 10, 11, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 43

## S

Salud 9, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 85, 86, 87, 94, 95, 96, 117, 122, 124, 134, 141, 143, 147, 148, 149, 150, 188, 189, 194

Salud mental 9, 50, 55, 57, 58, 59, 60, 65, 87, 95, 141, 143, 149, 150

Saúde ocupacional 25, 36

Subitizing 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 179, 181, 183, 185

Sufrimiento 98, 100, 101, 112, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Sumak Kawsay 80, 81, 82, 91, 92, 95

## T

Trabajo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 156, 157, 160, 161, 186, 188, 189, 190, 191

Tratamiento 55, 57, 98, 118, 125

## U

University students 10, 11, 23

## V

Vejez 45, 46, 47, 52, 53, 194

Violencia doméstica 58, 63

## W

Well-being 10, 11, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 40, 42, 43, 81



**EDITORIA  
ARTEMIS**  
2025